

LIÇÃO Nº 4 – O ALTAR DO HOLOCAUSTO

Subsídio sendo elaborado por

Inacio de Carvalho Neto.

E-mail do autor: ibcneto@inaciocarvalho.com.br.

Comentários iniciais:

Introdução:

- Na continuidade do estudo do tabernáculo, analisaremos o altar de sacrifícios, que tipifica a morte vicária de Cristo.
- O altar de sacrifícios é uma das duas peças que se encontram no pátio, ao lado da pia de cobre, que será estudada na próxima lição.

Posição do altar:

- O altar de sacrifícios é a primeira peça do tabernáculo que é vista por quem entra em seu interior. Ou seja, não se chegaria ao Lugar Santo, e muito menos ao Santo dos Santos, sem primeiro passar pelo altar de sacrifícios.
- Isto revela que, quem chegar à presença de Deus, primeiro tem que tratar a questão do pecado. Sem primeiro expurgar o pecado, no altar de sacrifícios, não se chega ao Lugar Santo, onde está Deus. Deus não convive com o pecado; o pecado tem que ser deixado do lado de fora.
- Não é por outro motivo que a mensagem do Evangelho é sempre um chamamento ao arrependimento (Mc.1:15; Lc.24:47; At.2:38; 3:19; 10:42,43; 13:38-41).
- Quando alguém ouve a mensagem do Evangelho, precisa reconhecer-se pecador e pedir perdão dos seus pecados, crendo que Jesus morreu em seu lugar, derramou o Seu sangue e, por isso, temos agora possibilidade de ter pleno acesso a Deus e de iniciar uma nova vida, libertos do poder e da natureza do pecado.
- Por isso, não tem qualquer fundamento a pregação de um Evangelho que não fala em pecado, que não aborda esta problemática, que se esquia de afirmar em alto e bom som que todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus (Rm.3:23), necessitando, assim, de um Salvador.
- O apóstolo Paulo diz que pregava a “palavra da cruz” (I Co.1:18), que o tema da sua pregação era “Cristo crucificado”, que ele sabia que era escândalo para os judeus e loucura para os gregos (I Co.1:23). No entanto, não há verdadeira pregação do Evangelho se não for enfrentada a questão do pecado, pois para isto veio o Senhor Jesus, para tirar o pecado do mundo (Jo.1:29).
- Retirar a temática do pecado e não mostrar a necessidade que as pessoas têm de confessar ao Senhor Jesus com a boca e, no coração, que Deus O ressuscitou dos mortos (Rm.10:9), o que implica reconhecer que se é pecador e que Jesus morreu por nós, é simplesmente deixar de pregar o Evangelho, deixar de anunciar a salvação.

- Lembremos de que quando o rei Acáz mandou tirar o altar de sacrifícios do átrio do templo de Salomão (II Rs.16:14), em pouco tempo depois, o próprio templo foi fechado, pois perdeu ele toda a sua utilidade, todo o seu objetivo, que era o de aproximar o homem de Deus e isto não se pode fazer sem que, antes, haja o perdão dos pecados. Igualmente inútil é a pregação que retira a questão do pecado e da morte vicária de Cristo de seu conteúdo.

- Por outro lado, observemos também que o altar já era posto logo na entrada do pátio para demonstrar acessibilidade, ou seja, a prontidão divina de perdoar os pecados de todos os que O buscam. Quem quiser pode buscar perdão, e esse perdão está acessível a todos, está fácil, está disponível, está logo na entrada do tabernáculo, não está escondido, não está em local de difícil acesso. Isaías (55.7) deixa claro que Deus é grandioso em perdoar.

- Mas notem que o altar não está fora do tabernáculo, está dentro dele. Ou seja, para buscar o perdão, eu preciso primeiro entrar na casa do Senhor. Não é no mundo que eu vou encontrar o perdão de Deus. Quem quiser ser perdoado precisa primeiro entrar na casa do Senhor.

Medidas do altar:

- O altar tinha cinco côvados de comprimento e cinco côvados de largura, ou seja, era um altar quadrado, tendo três côvados de altura (Ex.27:1), medidas que correspondem aproximadamente a 2,25 metros de comprimento e largura e 1,35 m de altura.

- Portanto, o altar de sacrifícios era relativamente grande. A finalidade desse tamanho grande era caber os animais de grande porte como o boi.

- O tamanho do altar de sacrifícios possibilitava que todo e qualquer sacrifício fosse realizado. Como os sacrifícios eram diferenciados conforme a posição da pessoa, seja econômica, seja social, havia da parte de Deus a disposição de perdoar todo e qualquer pecado, seja de quem quer que fosse. Mesmo os maiores animais caberiam no altar. Ou seja, não há pecado que não possa ser perdoado, por maior que seja.

- O tamanho do altar de sacrifícios revela a grandiosidade do amor de Deus, este amor “de tal maneira” que enviou o Seu Filho Jesus Cristo para morrer em nosso lugar (Jo.3:16). Não é à toa que se trata da maior peça do tabernáculo.

Material do altar:

- O altar era feito de madeira de cetim (acácia), e revestido de cobre (ou bronze), metal que simboliza o juízo de Deus, pois ali eram feitos os sacrifícios, era pago o preço pelos pecados do povo.

- Algumas traduções de Ex. 27.2 falam que o altar seria revestido de cobre (ex: ARC); outras traduções falam que o altar seria revestido de bronze (ex: NVI, KJV, NTLH, ARA). Mas não há grande contradição nisso, pois o bronze é feito de cobre e outros metais misturados.

- O motivo do revestimento de cobre era a resistência ao fogo, para proteger a madeira.

- Ao mesmo tempo em que o altar de sacrifícios nos fala do amor de Deus pelo seu tamanho, também nos fala da justiça divina, por ser revestido de cobre (ou bronze). Daí também porque é chamado de “altar de cobre” ou “altar de bronze”.

- Este duplo revestimento revela, uma vez mais, a dupla natureza de Cristo. A madeira, de que é feito o altar, revela a humanidade do Senhor Jesus, enquanto que o cobre (ou bronze) do revestimento revela o juízo divino, pois, como já dito na citação de Luiz Mattos, o bronze se fazia necessário para a resistência ao fogo, pois neste altar eram efetuados sacrifícios e o fogo deveria arder ininterruptamente (Lv.6:13).

- Neste altar eram efetuados os sacrifícios, ou seja, animais eram mortos, o seu sangue era derramado para a cobertura dos pecados, para a expiação das transgressões cometidas pelos israelitas em relação aos mandamentos divinos, à lei do Senhor.

- Em virtude dos pecados cometidos, era necessário derramamento de sangue de um ser que assumia o lugar do pecador, solenemente se admitia que a consequência do pecado era a morte e que somente com o derramamento do sangue, que representa a vida, se poderia aplacar a ira de Deus até que a questão do pecado viesse a ser resolvida pela “semente da mulher” prometida no Éden (Gn.3:15), pelo “profeta” que Deus prometeu dar a Israel para restabelecer a plena e perfeita comunhão entre Deus e os homens (Dt.18:15-19).

- **No altar de sacrifícios, portanto, também se demonstrava a justiça divina, a necessidade do pagamento de um preço pelos pecados para que não ficasse impune a transgressão à lei de Deus.** Este pecado, entretanto, como bem diz Davi, era apenas coberto, ainda que tal cobertura já propiciasse uma bemaventurança, o perdão (Sl.32:1,2).

- Esta ideia da substituição fica bem evidenciada quando o cerimonial exigia que, antes de o animal ser imolado pelo sacerdote, deveria o pecador que o levava para o sacrifício impor suas mãos na cabeça do animal, como que transferindo a ele a sua culpa (Lv.1:4; 3:2,8,13; 4:4,24,29,33).

- O pecador levava o animal até o sacerdote e impunha as mãos sobre ele, entregando-o, então, ao sacerdote, que, então, imolava o animal, seguindo todo um ritual, derramando o sangue no altar, sangue que era completamente queimado, assim como a gordura, para, só então, assar a carne do animal no altar, que tinha como que uma grelha, um crivo de cobre em forma de rede, que teria quatro argolas de metal nos seus quatro cantos (Ex.27:4) e cuja rede chegaria até a metade da altura do altar (Ex.27:5), carne que era inteiramente consumida, quando se tratava de um “holocausto”, ou seja, um sacrifício em que a oferta era totalmente queimada.

- Também eram queimados neste altar os sacrifícios que não eram sacrifícios pelo pecado e os sacrifícios

que não eram de animais, pois também poderiam ser ofertados vegetais, conforme toda uma ritualística

instituída por Deus e que tem seu registro, na sua maior parte, no livro de Levítico.

- O fato é que **tudo que era levado ao altar de sacrifícios era queimado** e, por isso, ali ardia continuamente o fogo, como já se disse, fogo que era abastecido por lenha, que, diariamente, era ali

colocada, bem como mantido pela remoção das cinzas, o que, também, era feito diariamente (Lv.6:8-12).

- O que ia para o altar de sacrifícios se convertia em fumaça, diante da queima, e em cinza, que

era diariamente removida e lançada num lugar fora do arraial, nunca mais retornando para o convívio dos israelitas e muito menos para o tabernáculo.

- A fumaça subia e se dissipava, numa bela simbologia de que, quando somos perdoados por Cristo, temos a vivificação do nosso espírito (e a palavra “espírito” significa “sopro”), que estava morto, pois estava separado de Deus e, como sua função é precisamente fazer a ligação com Deus, estava como que “desativado”, sem qualquer serventia.

- Entretanto, **o sacrifício de Cristo na cruz do Calvário devolve-nos a vida.** Quando morremos para o pecado e para o mundo (Rm.6:2), passamos a ter novidade de vida (Rm.6:4) e, nesta nova vida, passamos a ter comunhão com Deus, nosso espírito se une ao Espírito Santo (Rm.8:1,9-17). Tornamo-nos um com o Senhor e a invisibilidade da fumaça que se dissipa no sacrifício tipifica tal comunhão, tal união, em virtude do perdão dos pecados e da justificação.

- Entretanto, **na queima, ficava a cinza, que era removida e levada para um lugar limpo fora do arraial.** A cinza simboliza o pecado perdoado, que é esquecido pelo Senhor, que não mais se lembra de nossas iniquidades (Jr.31:34; Hb.8:12; 10:17), lançando os pecados no “mar do esquecimento” (Mq.7:19). Havia caldeirinhas para recolher a cinza, bem como pás (Ex.27:3), evitando-se, assim, contato físico com as cinzas, que eram consideradas imundas, já que representavam o pecado.

- **Deus perdoa e esquece e disto podemos ter convicção e a simbologia do tabernáculo serve como um argumento para que retenhamos esta verdade bíblica,** inclusive quando o nosso acusador vier a “desenterrar” transgressões passadas e já devidamente perdoadas pelo Senhor.

- Mesmo no Antigo Testamento, onde havia tão somente a cobertura do pecado por sacrifícios imperfeitos, os homens de Deus não cessavam de declarar a misericórdia e o amor de Deus em perdoar os nossos pecados quando os confessamos e pedimos perdão por eles, o que, na lei, se dava mediante a oferta dos sacrifícios no altar de cobre (Sl.103:3,10; 130:3,8). Havia nas Escrituras uma nítida confiança na misericórdia divina (Sl.51:9; 65:3; 79:8; Jr.33:7,8). Como, pois, em plena dispensação da graça, podemos esmorecer nossa confiança na misericórdia e no perdão divinos? Não caímos em mais esta cilada do inimigo!

- No dia da expiação, este esquecimento dos pecados era representado pelo bode emissário, que era mandado para o deserto carregando os pecados do povo (Lv.16:10,21,22). Tal bode, aliás, ao contrário que dizem alguns, representa o Senhor Jesus, tanto quanto o bode expiatório, ou seja, aquele que era

sacrificado pelos
pecados do povo, pois Cristo levou sobre Si os pecados de toda a humanidade, fazendo-Se
pecado por nós
(Is.53:4,11,12; II Co.5:21).

- **A altura do altar de sacrifícios, portanto, é explicada pelo fato da necessidade de espaço para o**

acúmulo das cinzas dos sacrifícios que eram feitos durante todo o dia, a começar do
sacrifício contínuo

da manhã até o sacrifício contínuo da tarde, o primeiro às nove horas da manhã e o segundo, às
três horas da

tarde (Nm.28:1-8), tudo prefigurando o sacrifício de Cristo, que, crucificado às nove horas da
manhã,

morreu às três horas da tarde (Mc.15:25; Lc.23:44-46), sem falar nas festividades, quando havia
uma série

de sacrifícios especiais, lembrando que estes sacrifícios eram rituais, pois, ao lado destes, havia
os mais

variados dos sacrifícios israelitas.

- Tratava-se de um altar e, portanto, ele tinha de estar num lugar mais alto e o acesso ao altar não
poderia

ser feito por meio de escadas, pois o Senhor proibira isto a fim de impedir que se visse a nudez
dos

sacerdotes (Ex.20:26), motivo por que se entende que o acesso ao altar se fazia por meio de uma
rampas.

Que o altar ficava em um lugar alto, disto temos a confirmação em Lv.9:22, quando é dito que
Arão desceu

depois de oferecer o sacrifício. Entendem alguns que havia apenas uma rampa principal, situada
no lado sul,

já que o animal tinha de ser levado ao lado do altar, do lado norte, para ser degolado (Lv.1:11). A
tradição

judaica diz que esta rampa tinha uma altura de 8,83 côvados e estava inclinado mais de 32
côvados.

- A rampa além de dar a ideia de recato, que é explícita em Ex.20:26 e que nos mostra que
devemos

comparecer diante de Deus com toda reverência e respeito, algo que tem sido esquecido por
muitos na

atualidade e que é lembrado pelo pregador em Ec.5:1, também, segundo muitos rabinos judeus,
revela que

a vida espiritual não tem “paradas”, mas, sim, ou é uma subida, ou é uma descida. Não existem
posições ou

situações neutras em nosso relacionamento com o Senhor: ou crescemos, ou decrescemos
espiritualmente.

OBS: “...A outra razão pela qual não havia escadas no Altar era para nos ensinar que, assim como numa rampa, não há degraus
para parar (ou

você está subindo ou está descendo), da mesma forma na vida também não há escadas; A ideia de fazer uma parada não é real, já
que o relógio

continua funcionando ... o tempo não para...” (BLOG Emunah de Asturias. La rampa del Templo. Disponível em:
<http://sefaradasturias.org/wp/la-rampa-del-templo/> Acesso em 06 fev. 2019) (tradução nossa de texto em espanhol).

- **O altar possuía quatro pontas,** em forma de chifre, em cada uma de suas quatro extremidades,
chifres

estes que faziam parte do altar, não eram peças sobrepostas à moldura, mas faziam parte da
moldura do altar

(Ex.27:2).

- A forma de chifre das pontas permitia que se amarrassem os animais que iam ser sacrificados, mas, também, simbolizam poder, pois o chifre, a ponta é símbolo de poder. Tem-se, assim, a figura do poder

perdoador do Senhor, da Sua soberania, do Seu senhorio. Tanto é assim que era costume segurar nas pontas do altar para se pedir misericórdia ou clemência (I Rs.1:50,51; 2:28).

- Quando da consagração dos sacerdotes, o altar foi expiado quando se pôs sangue nas pontas do altar

(Lv.8:15), o mesmo ocorrendo quando os sacerdotes foram consagrados (Lv.9:9), o que se repetia, no dia da expiação, quando se fazia o sacrifício pelos pecados do povo (Lv.16:18). Vê-se, pois, que as pontas do altar simbolizavam este poder perdoador do Senhor e que se estende pelos quatro cantos da terra, dizendo,

portanto, da universalidade da salvação, pois Cristo é a propiciação pelos pecados de toda a humanidade (I Jo.2:2).

- Tudo o que era levado ao altar dos sacrificios era objeto de transformação. Tudo ali era assado ou

consumido, nada ficava como antes, o fogo do altar não permitia, de modo algum, que tudo permanecesse como antes.

- Quando cremos em Jesus Cristo como Senhor e Salvador de nossas vidas, quando reconhecemos ser pecadores e aceitamos a Sua morte vicária, ocorre uma mudança de mentalidade em nós. Nós nos

arrependemos de nossos pecados e, portanto, passamos a ser novas criaturas (II Co.5:17; Gl.6:15), somos

transformados e, deste modo, não podemos mais ser quem éramos antes deste encontro com Cristo no Calvário.

- Eis o motivo pelo qual não se pode admitir que pessoas que se digam salvas tenham o mesmo comportamento de antes da suposta conversão. Conversão significa mudança de direção; arrependimento,

mudança de mentalidade (é o significado da palavra grega “metanoia”, que é traduzida por arrependimento

em o Novo Testamento). Pessoas que persistem na prática do pecado ou nos mesmos hábitos de antes não

tiveram um real encontro com Cristo, não foram purificadas pelo sangue do Cordeiro.

- **O sangue de Jesus, derramado uma só vez num sacrifício perfeito, tirou o pecado do mundo, permite**

a propiciação de todo e qualquer pecado. O sacrifício de Cristo era tipificado no altar dos sacrificios,

tanto que, muito propriamente, é dito que o altar dos sacrificios aponta para a cruz de Cristo, onde havia

tanto a madeira (literalmente, por ser a cruz de madeira e tipologicamente, pelo corpo humano de Jesus

entregue por nós ali como oferta), quanto o cobre (ou bronze), já que se fazia o julgamento do

pecado da
humanidade, o “fogo do juízo divino”.

- Ora, se nos sacrifícios imperfeitos de animais, já havia a transformação, como podemos admitir que alguém se diga atingido pelo sacrifício perfeito de Cristo e prossiga vivendo em pecado, como outrora?

Trata-se nitidamente de uma impossibilidade. Não nos deixemos, pois, enganar com estas “falsas conversões”.

- Deve-se observar que uma prática inventada pelos filhos de Eli, Hofni e Fineias, que buscou deturpar esta tipologia da transformação foi incluída entre as atitudes que fizeram o Senhor abominar aqueles dois

sacerdotes, qual seja, a de se tirar a parte do sacerdote nos sacrifícios antes que houvesse a assadura no altar (I Sm.2:12-17), o que o texto sagrado considera ser “grande pecado”, precisamente porque fazia “tabula

rasa” da tipologia da transformação no altar de sacrifícios, como muitos, hoje em dia, querem viver

da mesma maneira, como se a salvação em Cristo nada representasse...

- É importante observar que **o fogo do altar de sacrifícios tinha origem divina**. Quando da inauguração do

tabernáculo, veio fogo do céu, que consumiu o holocausto e, a partir de então, como o fogo não podia

se apagar, foi este fogo de origem divina que se manteve aceso durante todo o tempo do tabernáculo

(Lv.9:24).

- Este fogo divino tipifica o Espírito Santo que, a um só tempo, não só promove o consumo do mal,

na medida em que convence o homem do pecado, da justiça e do juízo (Jo.16:8-11), como também o

purifica, fazendo-o morada de Deus no Espírito (Ef.2:22), guiando-o (Jo.16:13) e o santificando a cada dia

(II Ts.2:13; I Pe.1:2).

- Assim, a um só tempo, o Espírito Santo vai removendo as cinzas de nossa vida, como vai nos tornando

cada vez mais “fumaça”, ou seja, homens espirituais, em plena unidade com a Trindade.

II – LIÇÕES QUE NOS DÁ O ALTAR DE SACRIFÍCIOS

- **Havia uma ordem estrita de que somente seriam aceitos sacrifícios que fossem realizados no altar de**

sacrifícios (Dt.12:11-14). Certo que é se tratou de um dos mandamentos que mais foi desrespeitado

pelos israelitas (I Rs.3:2,3; 15:14; 22:43; II Rs.12:3, 14:4; 15:4,35; 16:4; 17:9; 23:5,8,9,13,19,20; II Cr.15:17;

20:33; 21:11; 28:4,25; 31:1; 33:3,17; 34:3), mas havia tal disposição na lei.

- Diante disso, tem-se aqui uma perfeita figura de que o único sacrifício perfeito que conduz ao perdão

dos pecados é o sacrifício de Cristo na cruz do Calvário. O escritor aos hebreus bem o diz quando afirma que o

único sacrifício de Cristo foi suficiente para redimir a humanidade (Hb.9:26; 10:12).

- Os sacrifícios eram repetidos diariamente, independentemente de que alguém os viesse oferecer

por seus
próprios pecados, pois o sacrifício contínuo mostrava a pecaminosidade do ser humano e a
necessidade que
o pecado fosse coberto para aplacar-se a ira divina, ira esta que era sobremaneira realçada no dia
da
expição, quando, inclusive, o sangue do sacrifício era levado até a tampa da arca da aliança, até
o
propiciatório, na única vez em que o sumo sacerdote era autorizado a ultrapassar o véu que
separava o lugar
santo do lugar santíssimo.

- Assim, todo o sangue derramado diariamente no altar dos sacrifícios anunciava a necessidade
de um
sacrifício melhor, que não só cobrisse as transgressões, mas a retirasse. O altar dos sacrifícios,
portanto,

mostra-nos a insuficiência da lei para a salvação, a necessidade de um novo concerto que
trouxesse uma
perfeita, estável e eterna comunhão com o Senhor.

- **O altar de sacrifícios, situado no pátio, faz-nos referência da primeira grande mudança
que**

**ocorrer na vida cristã, qual seja, a do encontro com o Cristo crucificado, ao acolhimento da
“mensagem da cruz”, a compreensão do significado da morte vicária de Jesus.**

- Não há como iniciarmos uma vida cristã sem que tenhamos a confissão ao Senhor Jesus e não
cremos que

Deus O ressuscitou dos mortos (Rm.10:9). Temos de ter sido convencidos do pecado, da justiça e
do juízo e

isto está tipificado no altar de sacrifícios.

- **Se não formos convencidos do pecado, jamais poderemos nos dizer cristãos.** Temos de
admitir que

somos pecadores e que só Jesus Cristo pode salvar o pecador, que somente a Sua morte na cruz
do Calvário

pode nos trazer a remissão dos pecados.

- É preocupante vemos hoje sedizentes cristãos que admitem ser pessoas boas, merecedoras das
bênçãos de

Deus, porque “nunca fizeram mal a ninguém”. Muitos adotam hoje a ideia de que o “homem é
naturalmente

bom”, surgida no Iluminismo, como se isto fosse uma verdade patente, quando a Palavra de Deus
nos mostra

exatamente o contrário, tanto que o Senhor Jesus disse que somos maus (Mt.7:11).

- **A primeira experiência de um cristão é a experiência de que é um pecador e que precisa se
arrepender dos seus pecados para não sofrer a condenação eterna.** É o sentimento que

Cristão teve ao

ter acesso à Palavra de Deus que lhe dada por Evangelista na feliz alegoria do Peregrino de John
Bunyan.

OBS: “...Evangelista – Por que choras? Cristão – (Assim se chamava ele). – Porque este livro me diz que eu estou condenado à
morte, e que

depois de morrer, serei julgado (Hebreus 9:27), e eu não quero morrer (Jó 16:21-22), nem estou preparado para comparecer em
juízo! (Ezeq.

22:14). Evangelista – E por que não queres morrer, se a tua vida é cheia de tantos males? Cristão – Porque temo que este pesado
fardo que tenho

sobre os ombros, me faça enterrar ainda mais do que o sepulcro, e eu venha a cair em Tofete (Isaías 30:33). E, se não estou
disposto a ir para este

tremendo cárcere, muito menos para comparecer em juízo ou para esse suplício. Eis a razão do meu pranto. Evangelista – Então,

por que esperas, agora que chegaste a esse estado? Cristão – Nem sei para onde me dirigir. Evangelista – Toma e lê. (E apresentou-lhe um pergaminho no qual estavam escritas estas palavras: “Fugi da ira vindoura”). (Mateus 3:7). Cristão – (Depois de ter lido). E para onde hei de fugir? Evangelista – (Indicando-lhe um campo muito vasto). Vês aquela porta estreita? (Mateus 7:13-14). Cristão – Não vejo. Evangelista – Não avistas além brilhar uma luz? (Salmo 119:105; II Pedro 1:19). Cristão – Parece-me avistá-la. Evangelista – Pois não a percas de vista; vai direito a ela, e encontrarás uma porta; bate, e lá te dirão o que hás de fazer...” (BUNYAN, John. *O peregrino*, p.3).

- O israelita, quando chegava ao altar de sacrifícios, punha a cabeça sobre o animal e como que transferia a sua culpa para ele, reconhecendo-se pecador. Este é um gesto indispensável para que possamos ter comunhão com o Senhor, para que tenhamos vida eterna.

- **O acesso ao altar de sacrifícios era franqueado a todos os israelitas.** Todos podiam comparecer ao altar e pedir o perdão de seus pecados. Isto nos fala da universalidade da salvação, que Deus quer que todos os homens se salvem e venham ao conhecimento da verdade.

- **O altar de sacrifícios lembra-nos, também, que o início da vida cristã está na cruz, no arrependimento dos pecados.** Por isso mesmo, a primeira festividade do ano religioso judaico era a Páscoa (Ex.12:1-14), que trata do sacrifício do cordeiro, cujo sangue foi derramado para que o povo de Israel se livrasse da morte e da escravidão.

- O sacrifício de Cristo livrou-nos do pecado, porque, com o derramamento do Seu sangue, somos lavados e perdoados, podendo ter uma nova vida em Cristo. Morremos com Cristo para que com Ele ressuscitemos e tenhamos novidade de vida (Rm.6:3-11).

- O altar de sacrifícios lembra-nos que precisamos morrer para que possamos nascer de novo, viver com Deus e viver para Deus após a nossa confissão. Sem isso, jamais conseguiremos a vida eterna. Já estamos mortos e a nossa vida está escondida com Cristo em Deus (Cl.3:3).

- **O altar de sacrifícios lembra-nos que nosso culto a Deus é também um sacrifício.** Não eram apenas feitos sacrifícios pelo pecado naquele altar. Ali também havia sacrifícios pacíficos e ofertas de paz, ou seja, também se levavam animais e vegetais à presença do Senhor em gratidão e louvor ao Seu nome.

- O apóstolo Paulo diz que devemos apresentar nossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o culto racional (Rm.12:1,2), salientando que tal culto somente se dará se não nos conformarmos com este mundo mas nos transformarmos pela renovação do nosso entendimento, para que, assim, possamos experimentar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.

- Esta circunstância apontada pelo apóstolo Paulo no limiar da parte prática da epístola aos romanos é bem figurada pelo altar de sacrifícios. Este culto racional exige, por primeiro, a apresentação do corpo e

israelita tinha de comparecer fisicamente perante o altar para oferecer algo ao Senhor.
- Por segundo, o sacrifício tinha de ser vivo, ou seja, o israelita tinha de trazer um animal vivo para que fosse degolado ali, já no sacrifício, não podia trazer um animal morto, até porque animais mortos eram impuros

(Lv.5:2; 11:35,40; 17:15; 22:8; Nm.5:2; 6:6,11).

- De igual maneira, jamais poderemos cultuar a Deus com “obras mortas”, ou seja, as obras que foram

praticadas antes de nossa salvação, as obras provenientes do pecado (Hb.9:14). “... Da mesma forma, aquele

sangue [Tomás de Aquino falava do sangue misturado com a água da separação] purificava do contato de

uma pessoa morta, mas este das obras mortas, isto é, dos pecados, que tiram Deus da alma, cuja vida

consiste na união da caridade. Além disso, a limpeza do primeiro era poder participar de um culto envolto

em figuras, mas o sangue de Cristo para render a Deus um dom espiritual (Sl.100). É por isso que ele diz:

"para que possamos tributar um verdadeiro culto ao Deus vivo"...." (AQUINO, Tomás de. Cit. Hb.9:11-28,

n.33. Sobre Hebreus. Lição 3 – Hb.9:11-14. Disponível em:

<http://www.clerus.org/bibliaclerusonline/pt/index.htm> Acesso em 06 fev. 2019) (tradução nossa de texto em

espanhol).

- Por terceiro, o sacrifício tinha de ser santo, ou seja, sem defeito, conforme todas as prescrições da lei, que

impedia que animal com qualquer defeito ou vegetal com qualquer impureza pudesse ser trazido para

sacrifício (Lv.22:17-25).

- De igual maneira, somente se estivermos em comunhão com o Senhor, vivermos separados do pecado é

que nosso culto será aceito pelo Senhor. Não nos esqueçamos de que é Deus quem deve prescrever como se

deve cultuá-I'O e que, desde os primórdios da história da humanidade, o Senhor rejeita cultos que não sejam

acompanhados de santidade, como ocorreu com Caim, que era do maligno (Gn.4:5,7; I Jo.3:12).

- Por isso mesmo, o apóstolo Paulo diz que não podemos tomar a forma do mundo, não podemos nos

conformar com ele, mas nos transformar pela renovação do nosso entendimento.

- Por quarto, o sacrifício tinha de ser agradável a Deus, ou seja, feito de acordo com a vontade do Senhor e

uma das coisas que agrada a Deus é que o sacrifício fosse feito com fé, com confiança em Deus, com

reconhecimento da soberania divina. Sem fé é impossível agradar a Deus (Hb.11:6). Por isso, obedecer é

melhor do que sacrificar (I Sm.15:22) e um sacrifício desacompanhado de fé nada significa para o Senhor.

- De igual maneira, hoje, nós que cremos em Cristo Jesus e, por isso, temos livre acesso a Deus, temos de

nos chegar com verdadeiro coração, em inteira certeza de fé (Hb.10:22).

- Mas o altar de sacrifícios é tão somente o início da jornada rumo à presença de Deus. O apóstolo afirma que o culto racional é necessário, mas é o primeiro passo para que possamos experimentar a vontade de Deus. É preciso prosseguir e, depois do altar, temos a pia de cobre (ou bronze), como veremos na próxima lição.

Texto da Leitura Bíblica em classe:

Referências bibliográficas:

- SOARES, Esequias. **Lições bíblicas: Batalha Espiritual - O povo de Deus e a guerra contra as potestades do mal.** Rio de Janeiro: CPAD, 2019.

- SOARES, Esequias; SOARES, Daniele. **Lições bíblicas: Batalha Espiritual.** Rio de Janeiro: CPAD, 2019.

- **Bíblia Apologética de Estudo.** 2ª. edição. Editora ICP, 2006.

- CARGAL, Timothy B. **Comentário bíblico pentecostal – As Parábolas de Jesus.** 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2009, v. 2.

- CHAMPLIN, Russell Norman, Ph.D **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo.** 2. ed. Editora Hagnos, v. 4, 2001.

- DAKE, Finis Jennings. **Bíblia de Estudo Dake.** Editoras CPAD e Atos, 2009.

- DEVER, Mark. **A mensagem do Antigo Testamento: uma exposição teológica e homilética.** Tradução Lena ARANHA. CPAD, 2012.

- DILLARD, Raymond B.; LONGMAN III, Tremper **Introdução ao Antigo Testamento.** Editora Vida Nova, 2005.

- FRANCISCO, Caramuru Afonso. **As Parábolas de Jesus.** Subsídio publicado no *site* <http://www.portalebd.org.br/>.

- HENRY, Matthew. **Comentário Bíblico – Novo Testamento.** Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

- MOUNCE, William D. **Léxico analítico grego do Novo Testamento.** Editora Vida Nova, 2012.

- NEVES, Natalino das. **As Parábolas de Jesus.** Subsídio em vídeo publicado no *site* <http://www.natalinodasneves.blogspot.com.br>.

- **Novo Testamento trilingue: grego, português e inglês.** Editora Vida Nova.

- OLIVEIRA, Euclides de. **As Parábolas de Jesus.** Subsídio em vídeo publicado no *site* <http://www.adlondrina.com.br>.

- OLIVEIRA JÚNIOR, Abimael de. **As Parábolas de Jesus**. Subsídio publicado no *site* <http://abimaeljr.wordpress.com>.
- PFEIFFER, Charles F.; VOS, Howard F.; REA, John. **Dicionário bíblico Wycliffe**. Trad. Degmar Ribas Júnior. 5. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2009.
- STAMPS, Donald C. **Bíblia de Estudo Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.